

Poster: Destruction (Mad Butcher) - Roadie Collection: Ramones

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classi

ANO 15 - Nº 163
R\$ 9,90 (Brasil)
€ 4,90 (Portugal)



RUSH

MARCANDO GERAÇÕES!

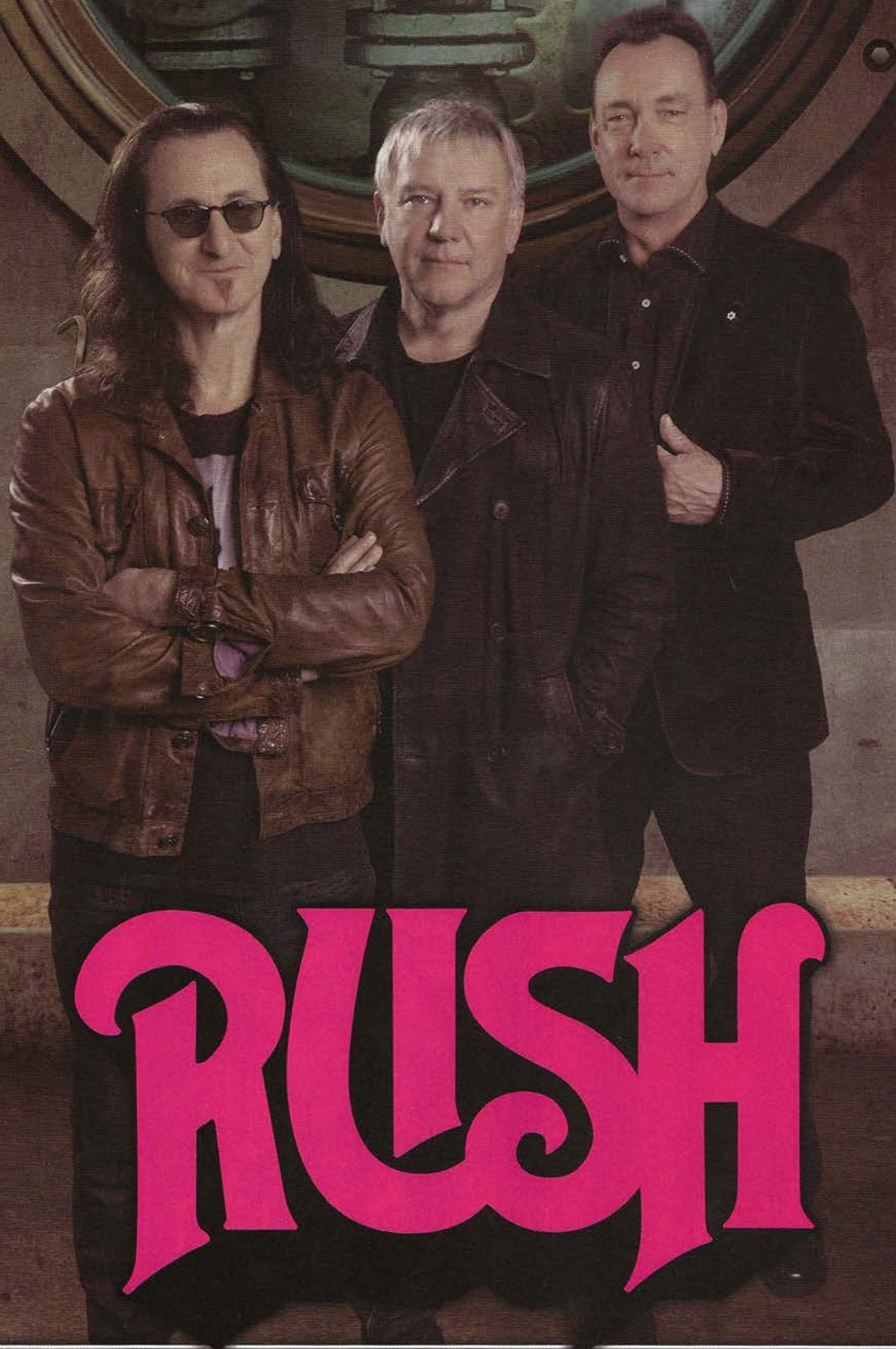


HARMONIAS SOMBRIAS

KILL DEVIL HILL

E MAIS: GOTTHARD - KEEL - GRAND MAGUS - PRIMAL ROCK REBELLION
SERJ TANKIAN (SYSTEM OF A DOWN) - CATTLE DECAPITATION - STRESS
RED FANG - VELHAS VIRGENS - TIERRAMYSTICA - DESECRATED SPHERE
BLIND EAR: JAMEY JASTA (HATEBREED) - **HIDEN TRACKS:** X-WILD
LIVE EVIL: SWEDEN ROCK FEST, RHAPSODY OF FIRE, VIPER E MAIS
BACKGROUND: ROLLING STONES (PARTE 2)





**ARTISTAS: NO REAL
SENTIDO DA PALAVRA**

A história do Rush começa em Toronto (CAN) em 1968. Porém, fãs e os próprios músicos da banda consideram o início de carreira do conjunto algo efetivado apenas em 1974 com o lançamento do 'debut' *Rush* e a entrada de Neil Peart para o posto de baterista no lugar do finado John Rutsey. Assumindo que as coisas sejam assim, o que temos aqui na capa da ROADIE CREW é um grupo quase quarentão ainda relevante e em voga como nunca dantes em sua trajetória. Sim, exatamente isso! Pode parecer brincadeira, mas, mesmo sem polêmica, baixaria, uma gostosa nos vocais ou um bonitão no baixo, vidas pessoais expostas ou controversas, músicas simples de três minutos prontas para as rádios ou letras adolescentes, o Rush é Pop e está na moda. Todos conhecem, comentam, reverenciam; poucos ousam criticar. Em outras palavras, o que este trio de sexagenários (ou quase...) formado pelo supracitado baterista, além de Geddy Lee (baixo) e Alex Lifeson (guitarra) nos mostra é que, mesmo que raramente, ainda hoje consistência, conteúdo, talento e qualidade são parâmetros para o reconhecimento e a consagração de um artista. Com ou sem milhões à sua volta interessados por sua música, o Rush é um caso incomum de banda que recupera para a contemporaneidade noções tão caras e enxovalhadas em nossa cultura como "arte", "músico", "artista", "celebre" e "clássico". Aliás, é justamente de clássico que falamos, já que *Clockwork Angels* (2012), novo álbum dos canadenses, chega com toda a pinta de mais um grande marco na bagagem desses senhores. Em entrevista exclusiva, o cordial guitarrista Alex Lifeson nos contou detalhes desse trabalho, falou das dificuldades da época de *Vapor Trails* (2002), dos planos para a turnê mundial que começará em setembro de 2012 e da possibilidade de eles tocarem *2112* (1976) na íntegra e de retornarem ao Brasil. Confira!

O Rush não lançava álbuns conceituais há muitos anos. O que os levou a novamente trabalhar em um disco assim?

Alex Lifeson: Se nós formos muito específicos, veremos que *Clockwork Angels*, na verdade, é nosso primeiro álbum conceitual de fato. É claro que o Rush abordou determinadas temáticas de forma mais detalhada e abrangente, porém, se pegarmos um disco como *2112*, veremos que o conceito em si está em apenas um dos lados do vinil. Na outra parte do trabalho, há músicas variadas não necessariamente conectadas àquilo que abordamos na primeira parte. De qualquer forma, a verdade é que nós nos afastamos desse tipo de coisa entre o final dos anos 70 e o início da década de 80. Contudo, em *Snakes & Arrows* (2007) nosso produtor Nick Raskulinecz de certa forma plantou a semente de um novo e grandioso projeto temático. Inicialmente, não levamos aquilo a sério, mas, com o tempo, passamos a cogitar fazer algo assim e, então, efetivamente começamos um planejamento para isso. Neil gostou da ideia de criarmos uma

história e de, talvez, lançarmos um livro que desse sequência ao que é abordado no álbum. Assim começou a concepção de *Clockwork Angels*.

Como isso afetou o processo de composição de vocês?

Alex: Não mudou muita coisa. É claro que tínhamos que manter a história conexa e isso demandava que ligássemos as músicas umas às outras. Contudo, ao mesmo tempo, cada faixa precisava ter destaque próprio. Não penso que há grandes diferenças entre compor um disco conceitual e um comum. As técnicas de gravação e criação são praticamente idênticas em ambas as situações. A única diferença é que, no primeiro caso, temos como objetivo criar pontes que conectem as composições. No final, o que você ouve é um trabalho mais cinematográfico que o remete a uma experiência visual. *Clockwork Angels* tem vários momentos assim. A introdução com *Caravan* é um bom exemplo disso.

Você mencionou a ideia do livro e aparentemente esse lançamento ocorrerá no segundo semestre de 2012 com o título

Não sei o que o futuro nos reserva, contudo acho que pode ser bem interessante gravar e lançar uma ou duas músicas, sem conexão com o lançamento de um novo álbum.

***Clockwork Angels: The Novel*. Você e Geddy Lee participaram disso ou o projeto ficou nas mãos de Neil Peart?**

Alex: Isso é algo de Neil Peart. Acho que ele tinha a ideia para o livro antes mesmo de escrever as letras das músicas. Digo isso porque uma das primeiras músicas que escrevemos e finalizamos foi *The Garden*, que é a última faixa do disco e traz o final da história. Ou seja, ele já tinha um final em mente quando começamos a trabalhar no instrumental e nas composições em si. De qualquer forma, voltando ao livro, eu e Geddy não tivemos qualquer envolvimento nisso. Nosso interesse era exclusivamente criar e finalizar o álbum da melhor maneira possível. Para o livro, Neil trabalhou com Kevin J. Anderson, um amigo dele autor de obras de ficção científica. Eles criaram tudo por conta própria, sem qualquer influência nossa.

O que você acha dessa ideia de ter um livro que fala de um álbum? É algo que o atrai?

Alex: Não sei. No caso de *Clockwork Angels*, eu ainda preciso lê-lo para saber se essa combinação

será positiva. Penso que sim, pois Neil e Kevin são muito competentes e sei que farão um grande trabalho. Acho que, de certa forma, é uma ótima ideia, pois faz do projeto algo maior e mais interessante. Não é mais apenas o lançamento de um disco, entende? Gosto disso. Apesar de não ter qualquer envolvimento com o livro, curto a proposta e estou interessado em conferir o que ele nos apresentará.

Vocês tocaram duas músicas novas ao vivo muito antes do lançamento do álbum, *Caravan* e *BU2B*. Como foi essa experiência de adiantar material de um disco inédito nos palcos?

Alex: Isso é algo que nós nunca ou raramente fazemos. Foi engraçado porque estávamos em meio ao processo de composição. Tínhamos exatamente cinco músicas de *Clockwork Angels* prontas naquela época e sabíamos que precisaríamos de mais umas sete para contar toda a história que desenvolvemos para o disco. De qualquer maneira, enfim, estávamos prontos para preparar o álbum quando recebemos uma proposta para sair em turnê e tocar *Moving Pictures* (1981). Nós nunca havíamos gravado músicas e as lançamos com tanta antecedência quanto daquela vez. Porém, penso que é interessante variar um pouco e tentar coisas novas. Não sei o que o futuro nos reserva, contudo acho que pode ser bem interessante gravar e lançar uma ou duas músicas, sem conexão com o lançamento de um novo álbum.

Pode funcionar muito bem e ser uma proposta interessante para enfrentar os problemas e se aliar às facilidades apresentadas pela internet e pelos arquivos de som em seus vários formatos...

Alex: Sim, exatamente! É uma maneira de acompanharmos o desenvolvimento tecnológico e seguirmos em frente. Pode ser divertido, também. Quando nós gravamos as duas músicas que você citou, fizemos tudo muito rápido. Estávamos bem preparados, entramos em estúdio, passamos alguns dias lá, depois mixamos o material e foi bem legal. É ótimo poder ir ao estúdio para algo mais rápido do que ficar meses lá trabalhando todos os dias em um álbum.

O que vocês sentiram das primeiras respostas dos fãs às novas músicas?

Alex: Ficamos muito felizes, pois observamos que os fãs estavam respondendo fortemente às músicas. É comum que o público não interaja tanto com composições mais novas. No entanto, desta vez, houve uma conexão imediata e isso se tornou uma indicação inicial de que estávamos no caminho certo.

Em uma entrevista recente, você declarou que os solos de guitarra em *Clockwork Angels* e *The Garden* estão entre os seus prediletos de todos os tempos. Como você criou estes solos e o que lhe chama a atenção neles?

Alex: Quando nós compomos, geralmente fechamos os arranjos e começamos a ouvir as

músicas e imaginar em quais partes estarão os solos. Ai, deixamos tudo lá em aberto e algumas partes das músicas se tornam folhas em branco nas quais sabemos que escreveremos algo. Então, um dia, Geddy tinha algumas coisas para fazer no estúdio e eu decidi que desenvolveria algumas partes sozinho. Fui para um canto e comecei a tocar e tentar novos solos. Foi ali que surgiram os solos de *Clockwork Angels* e *The Garden*. Demorei uns cinco ou dez minutos para criá-los. Para isso, toquei-os umas três, quatro vezes. Depois, ensaiei um pouco mais, gravei tudo e levei a Geddy e Neil. O impressionante é que os solos cresceram e se tornaram peças praticamente inseparáveis daquelas composições. Nós sequer conseguíamos imaginá-las sem eles. O mais legal é que, nestes casos, Neil trabalhou a bateria de acordo com o meu solo. Geralmente, é o contrário. Ou seja, usualmente desenvolvo um solo já com os ritmos em mente. Penso que houve algo realmente muito espontâneo ali e vejo que é geralmente assim que tenho meus momentos mais inspirados... Sem pensar demais. Sempre foi assim comigo.

Há outras partes do álbum, no entanto, com arranjos muito bem pensados e participação marcante de uma orquestra de cordas regida por David Campbell (Paul McCartney, The Rolling Stones, Kiss), pai do cantor Beck. O Rush reproduzirá isso ao vivo? Como foi a experiência de trabalhar com David?

Alex: Esse trabalho que desenvolvemos foi algo diferente e especial para nós. Adoramos os resultados e trabalhar com David Campbell foi muito interessante. Além daquilo que se ouve

no disco, David preparou coisas especiais para a nossa turnê e poderá subir ao palco conosco ao vivo em alguns momentos. Não sei bem como isso funcionará. O fato é que estamos levando uma pequena orquestra de cordas para a estrada conosco. Ela nos apoiará nas músicas de *Clockwork Angels* e provavelmente adicionará elementos a composições mais antigas. Estamos empolgados.

Nick Raskulinecz novamente assina a coprodução de um álbum do Rush. O que você nos diz do trabalho com ele em *Clockwork Angels*?

Alex: Nick Raskulinecz é um excelente cara. É fácil e ótimo trabalhar com ele. Além de talentoso, ele é apaixonado pelo que faz, vibra com tudo que lhe é passado e com os desafios com os quais se depara, e tem muito conhecimento sobre Rush. Parece-me que a mãe dele era fã do Rush quando ele era muito jovem. Isso é muito legal. Nick é intuitivo demais e tem um ouvido extremamente aguçado. Seus trabalhos falam por si só... São coisas maravilhosas, seja o que ele fez com Evanescence, Foo Fighters, Alice In Chains ou com quaisquer outros artistas. Penso que ele nos trouxe uma sensibilidade extra que fez com que vissemos e sentíssemos nossas músicas de uma maneira diferente. Lembramo-nos de nossas origens ao lado dele, pois ele sempre destaca e pede para olharmos para aquilo que fez com o que o Rush fosse grande e expressivo nos primeiros anos de nossa carreira.

No ranking da Billboard, a primeira semana de lançamento de *Clockwork Angels* superou

o mesmo período de *Snakes & Arrows*. Este é um feito expressivo em tempos de downloads ilegais e desvalorização dos CDs. Como vocês receberam a notícia do sucesso do Rush nas paradas de sucesso mundo afora com o novo trabalho?

Alex: Isso certamente fez com que nos sentíssemos muito bem. De alguma forma, é a confirmação de que fizemos um bom trabalho que, no mínimo, chamou a atenção das pessoas. No entanto, vemos esses números com ressalvas e extremo cuidado. Os fãs do Rush são muito apaixonados, então o número de vendas quando os álbuns são lançados é impressionante. Todos querem ouvir o disco e estão curiosos. A tendência, no entanto, é haver uma curva decrescente posteriormente. Não sei se será diferente desta vez. Veremos em alguns meses, até o final do ano. De qualquer maneira, é ótimo saber dos primeiros resultados e vejo que o interesse pelo Rush tem crescido muito. Ultimamente, temos recebido mais atenção e estamos conseguindo mais exposição com nosso trabalho. Isso ficou claro principalmente depois dos discos mais recentes e do documentário 'Rush: Beyond The Lighted Stage' (2010) dirigido por Scot McFadyen e Sam Dunn.

Esse documentário parece ter sido algo muito marcante para vocês, membros do Rush, não só para os seus fãs. Qual foi o impacto deste trabalho de Sam Dunn e Scot McFadyen na banda e no público do Rush?

Alex: Olha... Nós não tivemos qualquer envolvimento com o documentário. Foi uma produção totalmente independente. Então,

Alex Lifeson

(...) temos uma grande responsabilidade nos ombros, pois sabemos que marcamos duas ou três gerações e que talvez marquemos algumas outras.

quando assistimos àquilo pela primeira vez, foi estranho. É esquisito ver os últimos quarenta anos de sua vida retratados em um filme (risos). Há gravações ali de nós tocando em um pequeno colégio por volta de 1973/1974, além de fotos do final dos anos 60. Olhamos para aquilo e não nos reconhecemos. Nós nos perguntávamos: 'Quem são aqueles caras ali?' (risos) Era outra vida, éramos pessoas diferentes. Porém, sim, aquilo nos impactou e principalmente nos expôs a muitas pessoas. Hoje em dia, muito mais gente se interessa por nós do que poderíamos imaginar. Falamos de pessoas que nos conheceram por meio do documentário e que talvez jamais fossem entrar em contato com nossa música de outra forma. Nosso público hoje inclui casais, crianças, senhores, famílias inteiras. É interessante observar o que o documentário acabou por produzir.

Quais são os momentos mais marcantes do documentário para você?

Alex: Acho que os comentários feitos por alguns artistas que respeitamos muito foi o que mais me marcou. Há nomes incríveis ali e é magnífico saber que eles sentem o que sentem pelo Rush. Billy Corgan (Smashing Pumpkins), Trent Reznor (Nine Inch Nails)...

(...) o Rush sempre colocou a música em primeiro lugar e parece que o nosso público reflete os nossos ideais.

Só há grandes músicos no documentário e saber que nós representamos tanto para eles é uma conquista enorme. Acho que conseguimos deixar a nossa marca. Por outro lado, temos uma grande responsabilidade nos ombros, pois sabemos que marcamos duas ou três gerações e que talvez marquemos algumas outras. É incrível fazer parte de tudo isso.

Um fã de vocês fez um comentário na internet que me chamou a atenção e com o qual concordo em boa parte. Ele destacava que o Rush é a única dentre as maiores bandas do Rock ainda em atividade que atingiu seu status apenas pela música, não por questões de imagem ou por ser 'da moda'. Não sei se ele está certo quanto ao Rush ser o único, mas é certo que a fama do Rush vem

da música que vocês fazem, nada mais ou muito pouco mais. O que explicaria isso?

Alex: Sempre foi assim conosco. Não sei explicar. O que sei é que o Rush sempre colocou a música em primeiro lugar e parece que o nosso público reflete os nossos ideais. Nunca fomos considerados como a banda mais 'cool' ou 'da moda' e eu gosto disso. Acho que isso nos permitiu ser livres e felizes. Não nos tornamos grandes a ponto de termos nossas vidas pessoais exterminadas ou totalmente invadidas. Pudemos continuar sendo uma autêntica banda que grava boas músicas, excursiona, tem lá seu dinheiro e uma vida confortável, mas sem excessos e sem os paparazzi à nossa volta. Essa situação mudou um pouco recentemente, porém sabemos lidar com isso. Atingimos um nível tal em nossa carreira que já estamos maduros e contornamos a maioria das situações sem tanta dificuldade. E é bom também receber um pouco mais de reconhecimento de vez em quando (risos). Chegou a hora de colher os frutos do que fizemos.

Há um aspecto curioso nisso tudo. Parece que o Rush, uma banda que foi tão criticada nos primeiros anos de carreira, agora se tornou um grupo praticamente inatacável. Basta alguém falar qualquer mínima coisa negativa sobre vocês que é imediatamente recriminado por muitos outros. Como você vê isso?

Alex: As coisas mudaram totalmente, não? Nós realmente recebemos críticas duríssimas no início de nossa carreira. Particularmente, não tenho problema algum em receber críticas, desde que elas sejam válidas e embasadas em questões reais. Antigamente, no entanto, alguns jornalistas, principalmente no Canadá, nos criticavam simplesmente por criticar. Eles provocavam e queriam ver as reações dos fãs. E nossos fãs reagiam. Era uma espécie de jogo, não sei. Não consigo prestar muita atenção a isso a esta altura da minha vida. Isso fugia ao nosso controle antigamente e foge ainda mais agora. A comunicação é um processo instantâneo hoje em dia com internet, Twitter e todas essas coisas. As pessoas têm o direito de falar o que querem, e elas falam. E dentre elas, há muita gente que só sabe reclamar. Porém, é verdade que recentemente quase todas as resenhas e comentários sobre nossos trabalhos são extremamente positivos. É uma reviravolta em comparação aos primeiros anos do Rush.

Este é um momento especial para o Rush e isso está claro. Parece-me, contudo, que vocês passaram por dias muito difíceis na época do lançamento de *Vapor Trails* (2002). Como foi isso?

Alex: Foi um período muito difícil e eu não sei como sobrevivemos àquele álbum. Demoramos quatorze meses para finalizá-lo e aquele era um momento muito delicado para nós. Neil não tocava bateria há vários anos e precisou se aprimorar tecnicamente. As músicas eram difíceis, as letras doíam muito em todos nós após tudo que Neil enfrentou (N.R.: Neil

ÁLBUNS DE ESTÚDIO DO RUSH NAS PARADAS DE SUCESSO

ÁLBUM	BILLBOARD*	RIAA**
Rush (1974)	105º	Ouro
Fly By Night (1975)	113º	Platina
Caress Of Steel (1975)	148º	Ouro
2112 (1976)	61º	3x Platina
A Farewell To Kings (1977)	33º	Platina
Hemispheres (1978)	47º	Platina
Permanent Waves (1980)	4º	Platina
Moving Pictures (1981)	3º	4x Platina
Signals (1982)	10º	Platina
Grace Under Pressure (1984)	10º	Platina
Power Windows (1985)	10º	Platina
Hold Your Fire (1987)	13º	Ouro
Presto (1989)	16º	Ouro
Roll The Bones (1991)	3º	Platina
Counterparts (1993)	2º	Ouro
Test For Echo (1996)	5º	Ouro
Vapor Trails (2002)	6º	-
Snakes & Arrows (2007)	3º	-
Clockwork Angels (2012)	2º	-

* Posição mais alta nas paradas de sucesso semanais da Billboard.

** Certificação na RIAA (Recording Industry Association Of America):
Ouro: mais de 500 mil cópias - Platina: mais de 1 milhão de cópias.

Obs.: Os discos de estúdio do Rush listados pela RIAA levaram, em média, quatro anos para serem certificados Disco de Ouro e oito anos para atingirem a certificação de platina. Power Windows (um ano) e Moving Pictures (três meses) foram os que mais rapidamente chegaram à certificação de platina. Moving Pictures e 2112 são os únicos registros de estúdio multiplatinados do grupo.

Fontes:

<http://www.allmusic.com/artist/rush-mn0000203008/awards>

http://www.riaa.com/goldandplatinumdata.php?table=SEARCH_RESULTS&artist=Rush

perdera a filha em um acidente de carro e a mulher, vítima de câncer, poucos anos antes). Tínhamos a impressão de que, a qualquer momento, tudo poderia acabar para nós. Chegou uma hora em que precisávamos voltar a tocar ao vivo e sair em turnê o que também foi complicado, principalmente para Neil. No final das contas, a turnê de *Vapor Trails* é hoje lembrada por nós com muito gosto e apreço. Ela foi importante em nossa reconstrução para retomarmos o que era o Rush.

Uma turnê, por sinal, finalizada no Brasil em grande estilo numa apresentação eternizada no DVD *Rush In Rio* (2003).

Alex: Sim. Havíamos tido o privilégio de tocar em países nos quais nunca havíamos estado e tivemos então a oportunidade de encerrar a turnê aí no Brasil, tocando para vocês. Foi incrível. Ainda me lembro daquele show. Havia tanta gente! Todos ali se movendo de um lado para o outro, cantando e dançando. Aquilo nos deu muita força e esperança. Aprendemos a aproveitar cada dia com o Rush e cada momento daquilo que vivemos.

Falemos um pouco da turnê de *Clockwork Angels*. Parece que vocês estão trabalhando em um set list que pode até incluir o novo álbum inteiro, certo? Fale-nos mais sobre o repertório que tem sido cogitado por vocês para os shows.

Alex: O repertório sempre muda quando começamos a ensaiar. Logo, não sei,

sinceramente, se tocamos o novo álbum inteiro ao vivo. É certo, contudo, que toquemos várias músicas dele. É importante para nós fazer uma boa mescla de todo nosso material. Não podemos tocar por cinco horas, não é possível fazer algo assim. Então, temos que ser cuidadosos e precisos. Por enquanto, o que posso dizer é que estamos trabalhando em algumas músicas que não tocávamos há muitos anos. Além disso, aproveitaremos a presença da orquestra de cordas para apresentar coisas bem especiais. Será uma turnê diferente e muito interessante.

Há algum estranhamento quando vocês retomam no set list alguma composição que não tocavam há muito tempo?

Alex: Sim, é estranhíssimo, principalmente quando são músicas que realmente não tocamos há muito tempo. Quando é uma composição que não apresentamos na turnê anterior, mas que tocamos na penúltima, por exemplo, tudo bem. Porém, há casos como o de *The Camera Eye* na última turnê que nós não tocávamos desde... Talvez desde a turnê de *Moving Pictures*. É uma composição longa, cheia de partes diferentes e com estruturas difíceis. Então, retomá-la foi bem esquisito. Por outro lado, posso dizer que essa foi a música que mais gostei de tocar naqueles shows. Isso acontece muito conosco. Quando trabalhamos novamente em uma música depois de muitos anos acabamos desenvolvendo uma nova versão dela que geralmente se torna uma de nossas favoritas ao vivo.

É verdade que vocês têm planos de tocar o álbum *2112* na íntegra em breve?

Alex: Nós fizemos algo parecido há alguns anos e consideramos a possibilidade de tocar *2112* na íntegra ao vivo nesta nova turnê. Contudo, o que obtivemos após o processo de composição e gravação de *Clockwork Angels* nos impede de efetivar isso agora. Não podemos dedicar quarenta minutos de um show da turnê de um novo disco a apenas um álbum. Há um novo trabalho que acabamos de lançar e que queremos promover e tocar, pois achamos excelente. Penso que as pessoas também querem escutá-lo. Todavia, acredito que é possível que retomemos essa ideia de tocar *2112* na íntegra no futuro. Faz total sentido. Porém, tem que ser na hora certa. Por ora, não temos tanto tempo para voltar ao passado.

Gostaria de encerrar com uma mensagem sua aos fãs brasileiros.

Alex: Há sempre a chance de voltarmos ao Brasil. Nós nos divertimos tanto todas as vezes que tocamos aí! O Brasil é um país incrível. Saímos aqui da América do Norte com uma ideia do que encontraremos aí. No entanto, depararmo-nos com a paixão dos brasileiros pela música é algo ainda maior do que qualquer um pode imaginar. É incrível! Só vivendo isso para entender. Despeço-me torcendo para que, no decorrer da turnê de *Clockwork Angels*, provavelmente em 2013, nós retornemos e toquemos novamente para vocês. Obrigado! ◻

Foi um período muito difícil e eu não sei como sobrevivemos àquele álbum (N.R.: falando de *Vapor Trails*).

Neil Peart, Alex Lifeson e Geddy Lee